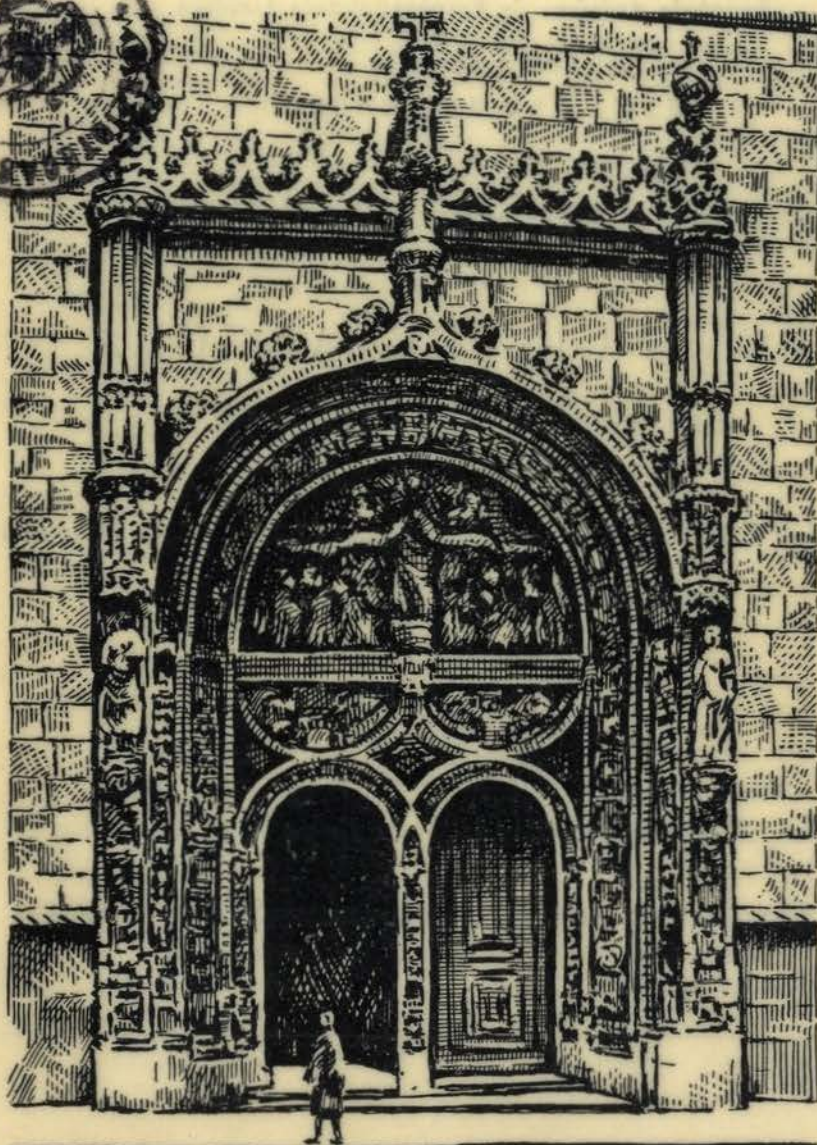


OLISIPO



*Boletim Trimestral do Grupo
Amigos de Lisboa*



*25 Anos
de
Cultura
Olisiponense*

ANO XXIV
N.º 93
JANEIRO
1961

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Alvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Major João Tarujo Nunes Correia

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO

CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26 06, de 23 de Novembro de 1935,

ao qual compete fomentar a Indústria da Pesca do Bacalhau

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAPITAL E RESERVAS
289 MIL CONTOS

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 - Lisboa - Tel. 2 03 81



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26

Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

Navios de passageiros	Tons. D. W.	Tons. desloc.	Navios de carga	Tons. desloc.	Tons. D. W.
Moçambique	9.423	18.220	Sofala	12.145	18.520
Angola ...	9.550	18.250	Moçâmedes ..	9.120	12.990
Niassa ...	9.706	16.330	Rovuma	9.120	12.990
Quanza ...	6.230	11.550	S. Tomé ..	9.050	12.550
Índia	6.655	11.677	Nacala	3.370	5.130
Timor ...	6.655	11.677	Tagus	1.532	2.581
Zambézia ...	1.857	3.538	Chinde	1.543	2.592
Lúrio	1.857	3.538	Angoche ..	1.630	2.320
Save	1.330	2.680			



Em construção:

Príncipe Perfeito — 20.000

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

Telef. 2 8663

LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO**

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL



MONTEPIO GERAL

Fundada em 1840

CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Anexa ao Montepio Geral

RECEBE depósitos à ordem e a prazo e depósitos em condições especiais para menores

REALIZA as seguintes operações: empréstimos sobre papéis de crédito, metais e pedras preciosas. Aluguer de cofres fortes. Arrecadação de valores nas casas fortes. Cobrança de juros e dividendos. Compra de cupões. Transferência de numerário. Recebimento de rendas.

SEDE EM LISBOA - Rua Áurea, 219 a 241

FILIAL NO PORTO - Avenida dos Aliados, 90

AGÊNCIAS EM COIMBRA, ÉVORA E FARO

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 210.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

L I S B O A

Filiais – Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências – Abrantes, Alferrarede, Amadora, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Matosinhos, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA – Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Campo Grande, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO – Carvalhinho, Costa Cabral e Mousinho da Silveira.

•
T O D A S A S O P E R A Ç Õ E S B A N C Á R I A S

FRANCISCO SOARES DA SILVA

Limitada

PASSAMANARIAS

DESDE

1 8 4 0

•
Travessa da Fábrica dos Pentos, 4-A

L I S B O A

semeie e colherá

seguro

popular

de

vida

50\$00

por mês



IMPÉRIO

COMPANHIA DE SEGUROS

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

A LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

350 MILHÕES DE LIBRAS

CO-RESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.ª livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo

70

Telefones: 30582 - 30583 - 28220

Secção de revenda e armazéns

Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

Oferta
27. JUL. 1961

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXIV

JANEIRO DE 1961

NÚMERO 93

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
BARÃO DE CATÂNEA por <i>Gustavo de Matos Sequeira</i>	3
A DATA DA MORTE DO PADRE-MESTRE FILIPE DE MAGALHÃES por <i>Mário de Sampaio Ribeiro</i>	9
UM QUADRO OLISIPONENSE NO MUSEU DO DÔLE - UM PINTOR ROMÂNTICO FRANCÊS EM LISBOA, EM 1837 pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	13
«O TOUCADOR», O PRIMEIRO JORNAL DE MODAS QUE SE PUBLI- COU EM LISBOA por <i>Luís de Oliveira Guimarães</i>	16
A CERCA DO NOVICIADO por <i>Pontes</i>	20
QUATRO NOTAS ALFACINHAS RESPIGADAS EM FOLHETOS E MERCÚRIOS DO SÉCULO XVIII	23
ACTIVIDADE CULTURAL	25
FEIRA DA LADRA	26
ACÇÃO CULTURAL DURANTE O ANO DE 1960	29
CAPA: Porta lateral da Misericórdia - século xv (Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha) - Desenho de <i>Eduardo Sr' Aubyn</i>	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

O Barão de Catânea

por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

D. JOSÉ BENETTI, a quem, não sabemos porquê, deram em Lisboa o título nobiliárquico de Barão de Catânea, foi um celebrão da mais alta categoria, figura picaresca das ruas da capital no primeiro quartel do século passado, que mereceu entrar na galeria de «Os Excêntricos do meu tempo», de Luís Augusto Palmeirim.

Saber quem ele era e donde viera, foi trabalho de alguns investigadores. Supuseram-no italiano, à conta do seu inventado baronato, julgaram-no proveniente das terras brasílicas onde se entroncaria a sua linhagem, mas só a sua morte trouxe o conhecimento da sua origem e naturalidade. D. José Benetti, o famigerado Curandeiro lisboeta, quase Taumaturgo na opinião de muitos, de um humanitarismo acabado, tratando de graça os pobres à custa do que ganhava com os ricos estrangeiros que o procuravam amiúde, era súbdito inglês, nascido em Gibraltar no final do século XVIII. Disse-se, no seu tempo, que um grande pesar de amor, causado por uma formosa gibraltina, o levou a deixar a terra natal. Passou a andar erradio, e acabou por ir parar ao Brasil, donde veio, em 1822, com o senhor D. João VI.

Camilo Castelo Branco, encontrando nas *Memórias de Frei João de S. José Queiroz, Bispo do Grão Pará*, o rasto de uma dama que se apelidava «de Catânea», e que vivia em S. Miguel de Guamá, freguesia deste bispado

brasileiro, com o poder da sua imaginativa, logo a ligou ao filantrópico Barão, que assombrava a pacata Lisboa, com as suas extravagâncias de vestuário e as suas pitorescas benemerências. Vendo na figura do célebre Curandeiro, uma fonte de curiosidades de romance, fá-lo filho de D. Clemência (ou D. Prudência) de Catânea, e origina da herança materna o caudal das suas liberalidades caritativas, e ainda lhe inventa duas irmãs, uma das quais põe a figurar no seu romance *O Demónio do Ouro*. Escusado será acentuar que tudo isto é uma das habituais fantasias camilianas.

D. José Benetti, veio realmente do Brasil, como se disse, e já em 1822, se dá como morador na Rua do Cura, anunciando na *Gazeta* um maravilhoso remédio para os dentes. No ano seguinte, residindo ainda na mesma rua, de novo o mesmo incipiente jornal relata uma espantosa cura por ele feita, e de aí por diante, *Gazetas* e *Diários*, não se fartam de apregoar as miríficas curas do Barão, cuja medicina não se sabe onde fora aprendida. Que ele era havido como médico, e o deixavam exercer a clínica não há dúvida. O Barão de Alvaiázere, Físico-Mor do Reino, aceitara-lhe como boa, a documentação por ele apresentada em 1838, na qual intervinha uma licença passada por D. João VI, e o Cirurgião Aguiar seguira-lhe o exemplo. O povo não se importava com os títulos legais da profissão, e havia-o como verdadeiro pai-dos-pobres que tratava de graça e a quem muitas vezes socorria com dinheiro. Em 1830, a sua fama já estava consolidada ao máximo. A notícia das curas que havia feito na Sicília, quando em 1814 residia em Palermo, e que ajudaram também os investigadores a supô-lo italiano, vinda na *Gazeta* daquele ano, propalara-se depressa. Talvez fosse de aí que se originasse o seu suposto Baronato.

Da Rua do Cura passou depois D. José Benetti a morar na de S. Francisco de Paula, n.º 37, numa casa pegada ao templo, e vizinha portanto da Rua das Janelas Verdes, moradia em ruínas, com os vidros das janelas quase todos partidos, e com um pátio onde frequentemente se acumulavam os seus doentes, entre uma chusma de pretos e pretas, e onde papagaios, macacos e outra bicharia beneficiavam da caridade do Barão. Esse pátio era a antecâmara do seu consultório aberto a todas as horas, apetrechado de «máquinas físicas» de folha e de vidro, e de boiões e frascaria, panelas de barro e tigelas, onde se guardavam os unguentos, águas e ervas misteriosas do seu receituário. Os livros, que não sabemos se eram de ciência, arrumavam-se em barricas.

São inúmeras as curas que a imprensa da época noticia. Cegos que tinham recuperado a vista, paralíticos que passaram a mover-se e a andar,



Barão de Catânea

tuberculosos escapos à morte, manifestam o seu reconhecimento. D. José Benetti, não tinha um dia de descanso, e o pátio de S. Francisco de Paula enchia-se de soldados estropiados e lazarentos que saíam de lá sãos, a dar vivas a D. Maria II e a D. Pedro IV, grito de que ele gostava muito, amigo e protegido da Corte como era.

Na sua clínica abundavam os ingleses. E não só a marinhagem miúda o procurava, quando acertavam de estar no Tejo barcos britânicos. De uma vez até tratou e curou com uma taça de sangue de boi, o Almirante de uma esquadra inglesa, segundo informa Palmeirim. Os soldados dos Voluntários Franceses, aquartelados em S. João de Deus, que tinham sido atacados do cólera, quando da epidemia que assolou Lisboa em 1833, tiveram no Barão o seu médico e o seu salvador.

Todos estes trabalhos não impeceram a sua bossa de festeiro nos acontecimentos constitucionais e de organizador de manifestações piedosas. Mandava dizer missas pelos membros da família real, pelo senhor D. Pedro IV, pela Rainha D. Maria II, dava bodos e esmolos nos dias dos aniversários régios, e tanto era o seu affecto ao Rei Soldado, que, quando ele morreu, mandou pintar de preto a sua casa, e vestir de luto toda a pretaria que lá se abrigava.

Os actos de filantropia e de bondade natural deste estranho Barão, não foram todavia suficientes para se lhe evitarem algumas sensaborias. Em 1838 houve uma campanha contra ele, julgamos que dos clínicos da capital, e não sabemos se teria sido esta a razão por que esteve preso algum tempo na cadeia de Belém.

Os seus actos humanitários não se cingiam só ao tratamento dos doentes, inteiramente gratuito. O Barão manifestava o seu bom coração, não só fazendo uma constante propaganda a favor da paz entre os portugueses, mas ainda acudindo a qualquer desgraça dos seus semelhantes. A três pretinhos que lhe tinham nascido em casa, tratava-os como filhos, e quando um deles morreu, mandou-lhe fazer um enterro pomposo, enterro que ele acompanhou, numa sege, vestindo a sua farda melhor que deveria ser péssima, dado que a sua guarda roupa era toda uma farraparia miserável. Aos outros dois negrinhos, nomeou-os seus herdeiros. Chamavam-se José e Ezequiel. Não chegaram, porém, a herdar coisa alguma. Quando D. José Benetti arrancou da vida, nenhum sucessor nos seus bens apareceu. Só muito mais tarde se deu conta da existência de um tipo, alto, magro e estrábico, que tocava flauta pelos botequins alfacinhas e se dizia filho do excêntrico Barão. Nunca, porém o provou.

Foi na madrugada de 6 de Agosto de 1850 que se deu a morte de D. José Benetti. A nova correu depressa. As autoridades foram à moradia da Rua de S. Francisco de Paula para verificar e arrolar o espólio do falecido, e os curiosos não faltaram a bisbilhotar aquele pardieiro. A cama, era uma enxerga podre sobre dois bancos de pinho, dois cobertores esburacados e um lençol quase negro. Num cabide penduravam-se roupas velhíssimas que se amontoavam também aos cantos do compartimento. Entre elas estava a farda das ocasiões solenes, decorada com uma comenda, roupas estas que o Juiz da freguesia avaliou em dezoito tostões.

Num baú, bem fechado, escondido entre trapos, achou-se um saco atestado de bons cruzados novos e de outras moedas, somando este recheio mais de oitocentos mil-réis; e dentro de uma panela três galinhas cozidas, com cujo caldo se alimentava o excêntrico Barão. Inventariados foram igualmente, dois carneiros, um bode, duas galinhas e dois gatos. Os pretos e pretas que eram seus familiares, como não tinham de entrar no Inventário, não se contaram.

Apesar do seu feitio dadivoso, D. José Benetti, não consumiu em generosidades toda a sua fazenda. As autoridades tiveram de arrolar três prédios, um na Rua das Trinas, outro na Rua do Noronha, e o terceiro na Rua dos Remédios, propriedades estas de que o Barão nunca pagou décima pela simples razão que as dava de graça a quem as queria habitar.

O funeral custou apenas vinte e nove mil-réis que se foram buscar ao saco que lhe fazia de cofre forte. O resto da herança, foi penhorado e arrematado em praça. D. José Benetti, amortalhado num hábito roxo, numa sege preta, levou à sua última morada um considerável acompanhamento, onde a negraria não faltou.

Lisboa perdeu com ele uma das suas figuras mais típicas. Quando saía da sua baiuca, e vinha à rua, a caminho do Hospital Inglês, onde, ao que parece, dava consultas, ou nas suas deambulações caritativas, os alfacinhas paravam para vê-lo melhor e divertirem-se uns, e admirarem-se outros, da picaresca silhueta que ele e o cavalo formavam, quase fazendo um todo único do mais extravagante aspecto. O cavalo, era uma alimária de um branco sujo, escanzelada e mal se tendo nas pernas. Havia-o comprado num «esfolá» por doze vinténs, e outro tanto lhe custara o frete. Curou-o das mazelas e fez dele o seu companheiro inseparável. A «toilette» do Barão estava de acordo com tudo isto. Nas ocasiões solenes, como foi na morte do pretinho e nas festividades e cerimónias que promovia, vestia uma farda de pano azul, com dragonas, botões amarelos e peitilho encar-

nado, e, ao peito, uma comenda que ninguem soube o que representava; nos dias vulgares envergava fraque preto, calça de ganga, um chapéu alto inverosímil, carregado para a nuca, e, debaixo do braço, um guarda-chuva com que animava a andadura do rocinante.

Continuam a haver excêntricos em Lisboa, mas excêntricos beneméritos e, ao mesmo tempo, pitorescos, como este barão gibraltino, nunca mais apareceu nenhum.

A data da morte do Padre-mestre Filipe de Magalhães

por MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

No segundo quartel do século XVII coexistiram em Lisboa os três maiores compositores de que Portugal então se ufanava: Duarte Lobo, Frei Manuel Cardoso e Filipe de Magalhães, qualquer dos três com o nome consagrado na moderna toponímia da capital.

O Padre Duarte Lobo, quartanário (quer dizer beneficiário da quarta parte de uma prebenda canonical) da Sé, foi mestre de capela quase cinquenta anos e prestigiou, nos últimos tempos de vida, o reitorado do antigo Seminário de São Bartolomeu, ao Castelo.

Frei Manuel Cardoso, carmelita professo no Mosteiro de Nossa Senhora do Vencimento, fundado por Nunálvares, à beira do lugar onde funcionou a primeira Universidade lisbonense, vivia no seu convento e o Padre Filipe de Magalhães, capelão de Sua Majestade, foi mestre da Capela Real até a Restauração, altura em que D. João IV o fez jubilar (por estar velho) substituindo-o pelo Padre Marcos Soares Pereira (irmão do célebre Rebelinho) que já exercia o cargo na Capela Ducal de Vila Viçosa.

De qualquer dos três nos ficaram imponentes livros de facistol, contendo páginas de extraordinário valor, das mais ricas do nosso património musical. Duarte Lobo, certamente porque desfrutava de maior desafogo financeiro, pôde permitir-se o luxo de imprimir as suas obras em Antuérpia, na famosa Oficina Plantiniana, ao passo que os seus dois émulos houveram

de contentar-se com os préstimos dos tipógrafos flamengos estabelecidos em Lisboa.

Dos três só era conhecida, de certeza, a data da morte do insigne carmelita, por no-la haver transmitido Frei Manuel de Sá, nas suas *Memórias históricas dos ilustríssimos Arcebispos e Escritores Portugueses da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, ao reproduzir os dizeres de sua lápide sepulcral, porventura ainda existente em qualquer dependência do Quartel da Guarda Nacional Republicana. Foi a 24 de Novembro de 1650 que Frei Manuel Cardoso se foi da vida presente.

Quanto a Duarte Lobo, o seu contemporâneo João Soares de Brito (no *Theatrum Lusitanum Litteratum*, cujo manuscrito se conserva na Biblioteca Nacional) asseverava que morreu em 1643 com 103 anos, mas não só nenhum documento o confirmava, como ainda havia vários indícios, que pareciam invalidar a idade. Um deles refere-se ao ano de 1639 e descreve Duarte Lobo, no decorrer da procissão, que se fez para receber o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, no seu regresso de Madrid, e pinta-no-lo a cantar, com toda a força da sua potente voz de baixo, durante o trajecto, pormenor que seria impossível se o ilustre músico tivesse 99 anos de idade.

Sobre Magalhães nada constava em letra de forma e apenas uma informação recente — devida ao distinto musicólogo Sr. Manuel Joaquim — nos garantia que ainda era vivo em 1648, pois nesse ano escreveu ao cabido da Sé de Évora uma carta a que se alude em certa acta capitular.

Anos e anos diligencieei, baldadamente, preencher tão importantes lacunas dos dados biográficos de Duarte Lobo e de Filipe de Magalhães, mas um dia veio em que, por mera casualidade (é quase sempre assim ...) se me deparou inesperadamente o termo de óbito do primeiro, desmentindo rotundamente a informação de Soares de Brito. E ficou a saber-se que Duarte Lobo faleceu nesta Lisboa prezada a 24 de Setembro de 1646, sendo enterrado na desaparecida igreja dos Lóios.

Mas o mistério da morte de Magalhães seguiu impenetrável até que as obras para construção de um novo colector, que estão a efectuar-se na área onde se erguia a igreja paroquial de Nossa Senhora do Socorro, fizeram topar com um pedaço de pedra que, outrora, serviu de campa aos seus restos mortais. Do quadrilátero de mármore (agora recolhido pela Câmara Municipal) constava parte da inscrição sepulcral, onde se lê claramente o nome do célebre músico e se afirma que foi capelão de Sua Majestade e mestre da Capela Real mais de quarenta anos. O resto desapareceu na voragem do tempo. Todavia a localização da laje era indício seguro para se desvendar o mistério, pois seria o cúmulo do azar

que os respectivos assentos paroquiais fossem omissos quanto ao falecimento de alguém que foi enterrado na igreja. É certo que podiam não existir os livros (por anteriores ao terremoto grande), mas tinha quase a certeza que os da velha freguesia de S. Sebastião da Mouraria (imediate antecessora da do Socorro) tinham escapado.



O que resta da pedra sepulcral do Padre-Mestre Filipe de Magalhães

E no dia 15 de Outubro de 1960 — ao cabo de mais de trinta anos de diligências infrutuosas — tive a satisfação de «matar» o grande mestre seiscentista, por cuja obra nutro grande admiração. Lá estava, no fólho 80 do 1.º Livro de Óbitos, o assento subscrito pelo vigário Manuel Jorge Leitão e cujo teor (modernizado) é como segue:

Em dezassete de Dezembro de mil seiscentos e cinquenta e dois faleceu o Padre Filipe de Magalhães, capelão que foi de Sua Majestade. Fez testamento e deixou por testamenteiros o Padre Estêvão Franco e o Padre João de Torres, ambos

capelães de Sua Majestade. Enterrou-se nesta igreja e morava defronte da Rua Nova da Palma.

Se atendermos a que, em 1590, Filipe de Magalhães já estava ao serviço do coro da Sé de Évora e, ao que parece, não como simples cantor (embora auferisse os mesmos 3 mil-réis que eram ordenado dos cantores) é crível que haja falecido em idade propecta, 62 anos depois, sobrevivendo a seus dois insignes émulos.

Diz o assento de óbito que morava *defronte* da Rua Nova da Palma, certamente porque a sua casa ficaria no enfiamento do eixo da rua, que corria de S. Domingos para a muralha da cerca fernandina. Consultado o fragmento da planta da cidade de Lisboa antes do terremoto de 1755, atribuído a José Valentim de Freitas (que o leitor pode consultar no final do 3.º volume de *Lisboa de lés a lés*, de Luís Pastor de Macedo) parece concluir-se que a casa onde morreu Filipe de Magalhães — que Barbosa Machado informa ter sido natural de Azeitão — ficava sensivelmente na altura do actual portão do gradeamento da sacristia de S. Domingos.

E ao pôr cobro a esta nótula, devo consignar o meu profundo reconhecimento à nossa prestimosíssima e muito ilustre consócia Senhora D. Julieta Ferrão. Bem haja!

UM QUADRO OLISIPONENSE NO MUSEU DE DÔLE

Um pintor romântico francês, em Lisboa, em 1837

pelo DOUTOR EDUARDO NEVES

ADRIEN DAUZATS, pintor romântico francês, nasceu em Bordéus em 16 de Julho de 1804 e deve ter visitado Lisboa à volta de 1837 onde pintou o quadro «Vista interior da Igreja de Belém, em Lisboa», existente no Museu de Dôle.

Esta tela representando «La Forêt tropical des Piliers et la voute de Belém» no dizer de Paul Guinard, director do Instituto Francês de Madrid, vem reproduzida na bela revista *Medicine de France*, editada pela «Specia», por intermédio de Oliver Perrin, de Paris, para oferta aos médicos, revista redigida em francês, de bela apresentação e apetecível recheio artístico e literário, cujo n.º 116, foi há pouco publicado e donde se tiram estas notas.

O quadro reproduzido entre numerosa obra, óleos, aguarelas, litografias e desenhos de Dauzats é, de facto, um mimo de perspectiva, da verdadeira floresta de pilares vistos um pouco abaixo da porta lateral.

Dauzats viajou imenso, romântico como era, fixou nas telas, nos cartões e nos seus albuns, alguns dos quais publicados, tipos sobretudo do Oriente e da Europa do Sul, de que a Península Ibérica, Espanha e Portugal, foram percorridos a capricho.

A sua obra, bela e interessante, dispersou-se após a sua morte indo parar a alguns museus de França.

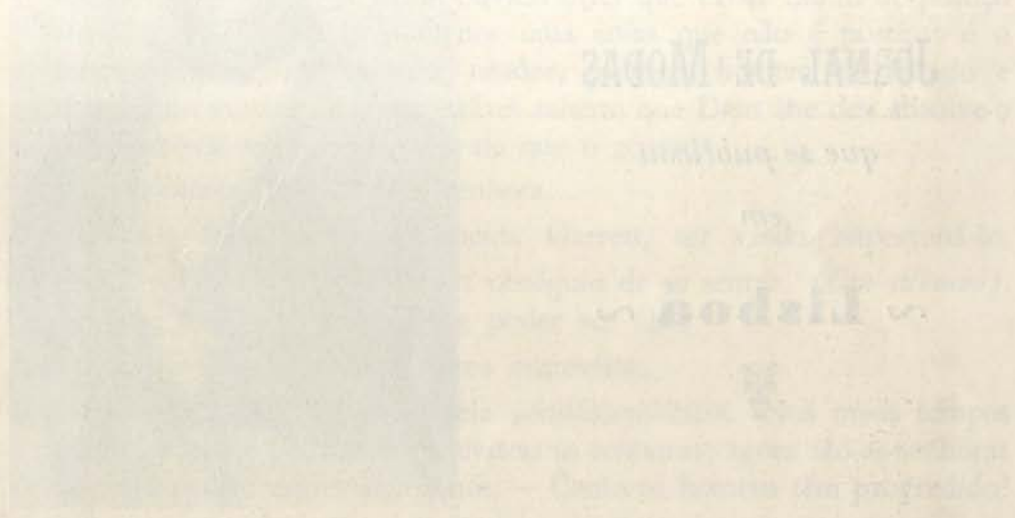
Julguei interessante trazer ao conhecimento dos apaixonados por Lisboa, esta obra de Arte e trazê-la aos *Colóquios* antes de publicar esta nota no nosso OLISIPO, que a arquivará.



O romântico Dausats que faleceu em 1868, foi um pintor e um desenhador de valor, sendo muito apreciados os seus trabalhos, na sua época pelo romantismo da expressão, e altamente valiosa pela reprodução

de monumentos e costumes dos países visitados, em demoradas excursões, acompanhando vários Mecenas artísticos, entre eles, sobretudo, o Barão Taylor que demoradamente com ele andou pelo Oriente e nas suas idas e vindas, pelo sul de Espanha e Portugal.

E assim se exhibe no Museu de Dôle um quadro olisiponense que representa a Igreja dos Jerónimos, em Belém, e que o interessante artigo de Paul Guinard nos dá a conhecer.



“O Toucador”

o primeiro

JORNAL DE MODAS

que se publicou

em

~ **Lisboa** ~



ANA ROSA — Chamo-me Ana Rosa. Uso actualmente o cabelo loiro. Os meus olhos são verdes ou azuis, conforme a luz. Nasci em Lisboa, no Chiado. Tenho vinte e cinco anos que espero conservar por muito tempo. Sou imensamente solteira. Sou profissionalmente jornalista. Entrei no jornalismo por curiosidade; conservo-me nele por ofício. Dedico-me, especialmente, à entrevista. Os grandes homens, não apenas do nosso tempo, mas de todos os tempos — porque os homens verdadeiramente grandes não morrem nunca — são o meu fraco e o meu forte. Aproximar-me deles, falar-lhes, ouvi-los, conseguir penetrar, não só na sua casa, mas na sua alma, não só na sua obra, mas na intimidade dos seus pensamentos, eis o meu desígnio. Como um satélite lançado à volta da Terra, eu lanço-me à volta dos homens ilustres. Há quem me chame até «Mademoiselle Sputnik». Para este género de jornalismo as mulheres — porque não dizê-lo? — têm qualquer coisa que as recomenda. Um grande homem pode escusar-se, mais ou menos delicadamente, a um jornalista; raramente se recusará

a uma jornalista — sobretudo quando ela for nova ou não for muito feia. Estou, neste momento, em casa de Garrett, a St.^a Isabel. Garrett gostou sempre de mudar de casa. Esta é a sua última residência em Lisboa. Declinada a minha identidade, um criado conduziu-me ao escritório-biblioteca do autor de *Frei Luís de Sousa*. Há livros por toda a parte, até sobre uma espécie de cadeira abacial que repousa entre duas estantes; mas no arranjo do conjunto sente-se a elegância protocolar do escritor. Já tenho ouvido dizer que existe muito de postigo em Garrett. Existe pelo menos uma coisa que não é postiga: é o talento. Poeta, dramaturgo, orador, político, homem de Estado e homem do mundo, o incontestável talento que Deus lhe deu absolve-o das possíveis vulnerabilidades de que o acusam.

GARRETT (*entrando*) — Minha senhora...

ANA ROSA — Desculpe, Sr. Almeida Garrett, ter vindo importuná-lo.

GARRETT — Por quem é. Mas faz obséquio de se sentar. (*Um silêncio*).
Em que terei o prazer de lhe poder ser útil?

ANA ROSA — Queria pedir-lhe uma entrevista...

GARRETT — Beijo-lhe as mãos pela condescendência. Nos meus tempos éramos nós que pedíamos entrevistas às senhoras; agora são as senhoras que nos pedem entrevistas a nós. — Como os homens têm progredido!

ANA ROSA — Sou jornalista. Redactora do *Olisipo*.

GARRETT — Pois felicito o *Olisipo* pela gentilíssima colaboradora que tem! Diz-se, frequentemente, que o estilo é o homem. Se o estilo é também a mulher, deve ser encantador o seu estilo. — Quer então uma entrevista? E sobre que assunto? Sobre política?

ANA ROSA — Sobre o amor e a moda.

GARRETT — Mas que poderei eu dizer-lhe sobre o amor e a moda que não esteja já dito?

ANA ROSA — Tudo...

GARRETT — É muito lisongeiro da sua parte. Quando se chega, porém, à minha idade, a moda não passa da sombra de um figurino e o amor da cinza de um cigarro.

ANA ROSA — Entretanto a tradição da sua elegância mantém-se e creio que o Sr. Almeida Garrett ainda fuma...

GARRETT — Uma vez ou outra para se não tornar reparado quando estou entre senhoras. — Quer um cigarro dos meus?

ANA ROSA — Muito obrigada.

GARRETT — São talvez demasiadamente fracos para si. Tenho verificado que a maioria das mulheres prefere o tabaco forte. Suponho que é para tossirem com mais convicção. — Mas não nos desviemos do assunto. Que deseja que eu lhe diga sobre o amor e a moda?

ANA ROSA — Apareceu agora, nas montras das livrarias a reedição de uma obra sua, intitulada *O Toucador*, especialmente dedicada ao sexo feminino.

GARRETT — Sexo amável e aliciante que faz as nossas delícias e adoça as nossas amarguras!

ANA ROSA — Sempre galante, Sr. Almeida Garrett.

GARRETT — Justo apenas, minha senhora.

ANA ROSA — Como sabe, dois dos capítulos fundamentais do seu *Toucador* são os que se referem à moda e ao namoro...

GARRETT — E como poderia deixar de ser assim, se a moda e o namoro constituem verdadeiros índices das épocas? Cada época tem o seu tipo de namoro perfeitamente característico como tem, por exemplo, o seu tipo de saia. Repare. Na época actual em que tudo é rápido, vertiginoso, flagrante, são curtas as saias e curtos os namoros. Há saias positivamente pelos cotovelos e há namoros que não duram senão o tempo dos banhos...

ANA ROSA — Como nasceu, Sr. Almeida Garrett a ideia de *O Toucador*?

GARRETT — Eu lhe conto. Na noite da estreia da minha tragédia *Catão*, no Teatro do Bairro Alto, a que assistiu toda a Lisboa elegante desse tempo, um amigo meu, Luís Francisco Midosi, chamou-me a atenção para a beleza de uma sua prima que se encontrava num camarote, com a família. Estou a vê-la, muito loira, vestida de branco, com um chapéu de cetim cor-de-rosa e um sorriso que enchia o teatro como uma Aleluia. Chamava-se Luísa Cândida, andava à volta dos catorze anos e era, realmente, uma linda menina. Fui-lhe apresentado nessa noite. Pouco depois — veja o que é o Destino — estávamos noivos. A Luísa Cândida — porque não dizê-lo? — sobrava em gentileza o que lhe faltava em ciência do mundo. Foi pensando nela e, porventura, em tantas outras meninas nas mesmas condições, que congeminei um periódico que tratasse de modas, de namoros, de bailes, de teatros, de jogos, de passeios, de variedades, enfim um periódico, que, sorrindo,

educasse e que, distraído, ensinasse. Creio ter sido o primeiro jornal deste género que se publicou em Lisboa...

ANA ROSA — E com um título a que não falta propriedade...

GARRETT — Não devo persuadi-la que a descoberta do título foi obra do meu engenho. Não foi. Tendo ido visitar uma senhora do meu conhecimento, encontrei-a no seu toucador. Estava a bela (advirta-se que era bela) ainda em meio *deshabillé* e, enquanto se toucava, foi como era seu costume, perguntando as *novidades*. «Não li ainda as folhas — respondi-lhe.» — «Nem das folhas as quero eu — retorquiu-me ela.» — «Então de quê, minha amiga?» — «As interessantes, as da sociedade, do tom, das modas. É pena que nunca se tenha pensado, em Portugal, em fazer um jornal desse género!» — «Pensou-se e pensa-se. Falta apenas achar um título que é sempre importantíssimo nestas coisas.» — «Um título? Ora deixe-me ver... Olhe, aqui tem um: *O Toucador*. É onde as senhoras mais cuidam dos seus importantes negócios, onde mais se escudam em seus cuidados, onde...» — «Basta, minha querida amiga. Já temos o título e teremos o periódico.» E *O Toucador* surgiu, alvoroçando as damas.

ANA ROSA — A sua vida, porém, não foi longa...

GARRETT — No amor, nas modas e em tantas outras coisas, as mulheres aprendem depressa e acabam elas próprias, quase sempre, por ensinar os homens. Se soubesse o que Luísa Cândida me ensinou.

ANA ROSA — Que curiosa entrevista eu faria, se a soubesse fazer!

GARRETT — Além de todas as outras qualidades, ainda a modéstia!

ANA ROSA — Agora pedir-lhe-ia um retrato seu para ilustrar a minha entrevista consigo.

GARRETT — Com muito gosto. Dar-lhe-ei a reprodução de um retrato que me fizeram há já bastante tempo...

ANA ROSA — E não desejaria dar-me outro retrato mais moderno, Sr. Almeida Garrett?

GARRETT — Para quê? Tenho, é certo, alguns tirados há pouco. Mas não servem. (*Suspirando*). São muito antigos!

Pela cópia

LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

A CERCA DO NOVICIADO

por PONTES

DE um documento que possuo vou extrair os elementos que constituem a maior parte do presente trabalho, o qual apenas tem o intuito de contribuir para um melhor conhecimento da vida e história da Capital.

Para uma maior contribuição espero em outros documentos, que também possuo, obter novos elementos para outros trabalhos; entretanto veja-se o que se segue:

O Noviciado da Cotovia

Nos princípios do ano de 1738, o Reverendo Padre Vicente Lopes, Reitor da Casa do Noviciado da Companhia de Jesus da Cotovia, extramuros de Lisboa Ocidental, em consequência da delicada situação financeira em que se encontrava, pediu licença à Santa Sé para aforar, por três vidas, a segunda parte da cerca da dita Casa do Noviciado.

Essa segunda parte da cerca era «uma grande terra que algum dia foi aberta mas há anos que se acha murada», e compreendia cerca de 50 palmos de frente e 80 de fundo, «à face da estrada que vai de Campolide para o Mosteiro da Anunciada.»

Quanto às limitações, ela «partia do Norte com a estrada que vai do Mosteiro das Religiosas de Campolide para o dito Mosteiro da Anunciada;

do Nascente com chão aforado a Paulo Francisco; do Sul com a cerca do dito Noviciado; e do Poente com chão aforado a António da Cruz.»

A Santa Sé, em 14 de Outubro desse ano de 1738, concedeu a licença pedida e o Dr. Valério da Costa Gouveia, «Provisor e Vigário Geral do Primeiro Cardeal Patriarca de Lisboa», deu, em 11 de Junho de 1739, a respectiva sentença, o que tudo se acha expresso na escritura do dia seguinte lavrada pelo notário Apostólico José dos Reis e Silva.

Em 13 de Setembro de 1743, o tabelião Bartolomeu Ângelo Escopezzy (?) conta, numa escritura, que no seu escritório estavam presentes de uma parte o Reverendo Padre Filipe de Carvalho, Reitor do Noviciário da Companhia de Jesus, sita na Cotovia extramuros de Lisboa, e de outra parte António da Cruz, mestre carpinteiro, «morador adiante de S. Pedro de Alcantara.»

Conta ainda o referido tabelião que o Reverendo Padre «disse que estava ajustado em dar de aprazamento em três vidas a António da Cruz a segunda parte da cerca do dito Noviciado para nele se edificarem logo casas» e isto pelo foro e pensão de 4.000 rs. em dinheiro e duas galinhas e meia, a pagar, respectivamente, a 15 de Janeiro e pela Páscoa dos futuros anos.

A este acto assistiram como testemunhas o Capitão António da Silva Freire, proprietário do dito ofício, e seu filho Vitorino da Silva Freire.

O Colégio dos Nobres

A carta-régia de 3 de Setembro de 1759 expulsa os jesuítas de Portugal.

Assim, na noite de 16 para 17 de Setembro de 1759 saíram da Quinta de Azeitão, onde estavam detidos, cerca de 133 padres jesuítas. Outras medidas que se seguiram completaram a expulsão.

Os bens da Companhia de Jesus foram confiscados e passaram depois, em grande parte, para o Real Colégio dos Nobres, recentemente criado.

A referida Casa do Noviciado passou assim para o Real Colégio dos Nobres.

Não sei por que motivo, em 12 de Maio de 1814, o tabelião José Manuel d'Antas Barbosa fez um traslado da escritura de 13 de Setembro de 1743, mas, em 28 de Junho de 1815, o tabelião José Pedro da Costa Seromenho, diz:

«Certifico que me foram apresentados uns autos que teem o seguinte título:

TÍTULO DOS AUTOS — Requerimentos e mais papéis remetidos da Junta da Fazenda do Real Colégio dos Nobres para se proceder à vistoria determinada nesta Conservatória do mesmo Real Colégio.»

E o mesmo tabelião remata:

«Pedindo-me quem mos apresentou deles lhe passasse por certidão em pública forma o que dos mesmos me fosse apresentado. O que visto por mim lha passei e o seu teor é o seguinte: ...»

Escola Politécnica

O Decreto de 4 de Janeiro de 1837 aboliu o Real Colégio dos Nobres e o edifício, por Decreto de 11 do mesmo mês e ano, foi destinado para a Escola Politécnica que se criou, enquanto os alunos do Colégio, por virtude do Decreto de 20, foram transferidos para o Colégio Militar.

Relativo aos bens do extinto Real Colégio dos Nobres sei apenas que eles foram vendidos ao abrigo da Carta de Lei de 28 de Junho de 1843, nada sabendo, portanto, o que aconteceu à propriedade que cem anos antes dera motivo para a escritura elaborada pelo tabelião Bartolomeu Ângelo Escopezy (?).

Aquela curiosidade natural e própria impele-me, enfim, para indagar o que constitui hoje o que ontem foi a segunda parte da cerca do Noviciado, porém a vida com as suas complicações e os poucos conhecimentos topográficos da capital obrigam-me a ficar por aqui.

QUATRO NOTAS

ALFACINHAS RESPIGA DAS EM FOLHETOS E MER CÚRIOS DO SÉCULO XVIII



O Chafariz de El Rey

Na Terça feira de Entrudo, 18 do corrente, das 7 para as 8 horas da manhã, estando o Chafariz da Ribeira, chamado d'El Rey, cheio de agoadeiros Mouros cahiu repentinamente huma parede com a varanda das Casas do Marquez de Angeja e hum arco de cantaria que estava ha m^o principiado por ordem do Senado vendo que a varanda ameaçava ruina. Ficaram logo mortos 9 e no Hospital falleceram no mesmo dia 5, além de outros que foram morrer a casa de seus amos. Entre mortos e feridos passaram de 100.

(do *Mercurio de Lisboa*, manuscrito, de 22 de Fevereiro de 1744)

A Ermida do Menino Jesus, no Adro de São Domingos

Na madrugada de Sexta feira 20, em huma das loginhas de abobeda que debaixo da Ermida do Menino Jesus em o Adro de Sam Domingos mandou fazer o Padre Fr Francisco de Portugal, na qual se vendia bebidas, accendeu o dono della hum fogareyro para fazer chicolate, e dois amigos, pelas 4 horas, parece, que beberão e depois se deixaram dormir, com as portas fechadas: tanto que o ar se rarefez os matou, e sendo 8 horas do

dia e não se abrindo a porta, se arrombou achando dois mortos e 1 semivivo, e sendo levado para a sachristia de S. Domingos, espirou depois de receber a Extrema unção.

(do *Mercurio de Lisboa*, de 21 de Novembro de 1744)

A Ponte de Alcantara

Na mesma quarta feira 4 se collocou huma estátua de pedra, sobre hum padram no sítio de Alcantara, da Imagem de S. Joam Nepomuceno, de quem a Raynha N. S. he devota, e se fez por sua ordem.

(do *Folheto de Lisboa*, manuscrito, de 7 de Dezembro de 1743)

O Arco do Cego

Terça feira passada, 18 do corrente, tomou EL Rey Nosso Senhor hum remédio purgativo, com bom successo, como preparo para os banhos que determina hir tomar ainda neste Outono, às Caldas da Raynha, cuja jornada hade fazer por terra, para o que se vam concertando os caminhos por S. Antonio do Tojal, e vilas de Ribatejo até Povos. Demoliu-se o grande Arco e portico chamado do Cego, entre Arroyos e o Campo pequeno para caber o coche, que he tam grande q̃ por algumas Ruas desta Corte custa a virar. Dizem que para terça feira da Semana que vem partirá.

(do *Folheto de Lisboa*, manuscrito, de 22 de Setembro de 1742)

ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

Nos dias 6 e 13 de Novembro foi visitado o Museu Bibliográfico Rafael Bordalo Pinheiro, onde a nossa consócia Sr.^a D. Julieta Ferrão, Conservadora Chefe dos Museus Municipais, nos recebeu e acompanhou. Com a sua reconhecida competência e amabilidade elucidou-nos sobre a história do Museu doado à cidade pelo escritor e poeta Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães e dedicado à memória de Rafael Bordalo Pinheiro. Numerosos consócios acompanhados pelos membros da Junta Directiva, Srs. Hugo Raposo e Doutor Eduardo Neves, percorreram as várias salas onde se reúnem raras e interessantes espécies de loiça das Caldas, desenhos, gravuras e caricaturas, tudo da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro.

A 10 do mesmo mês realizou-se na sede uma conferência pela nossa consócia Sr.^a D. Maria Cabedo Cardoso que dissertou sobre *Como as escritoras brasileiras vêem Portugal*, recitando, a propósito, algumas poesias de poetisas brasileiras.

Presidiu o nosso Secretário-Geral.

A 20, em três autocarros e vários automóveis, deslocaram-se os «Amigos de Lisboa» até às instalações da seca de bacalhau que a «Pescal» possui em Alcochete. Dirigiu a visita o Dr. Torres Botelho, nosso ilustre consócio, que acompanhado de alguns dirigentes da Empresa detalhadamente descreveu a pesca e as instalações visitadas.

Em Dezembro, na sede, realizaram-se, a 10, a exposição de aquarelas e desenhos do nosso consócio Sr. Eduardo St'Aubyn que foi muito visitada e apreciada pela natureza dos cartões expostos, todos focando recantos lisboetas, dos quais dois, por oferta do expositor, foram incorporados na nossa colecção; a 15, a 35.^a sessão dos *Colóquios*

Olisiponenses em que o consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento dissertou sobre *Cantos e recantos de Lisboa*, que, depois, fez projectar em diapositivos a cores da sua autoria; e o signatário falou sobre



A Mesa que presidiu à conferência da Sr.ª D. Maria Cabedo Cardoso

o Pintor francês Adrien Dauzats, que em 1837 pintou uma vista interior dos Jerónimos existente no Museu de Dôle. A nota e o quadro vêm publicados neste número.

E. N.



Feira da Ladra

A Estrela

D. LUÍS HENRIQUES, fidalgo da Casa de D. João III, governador que fora da Ilha de São Tomé, tinha uma quinta no arrabalde Ocidental de Lisboa, à beira da estrada que ia do Combro (Calçada do Combro) para Alcântara, dominando Santos, a Pampulha e a Lapa da Moura. Bom sítio, lavado de ares e recreado de vistas.

Os frades beneditinos de Tibães que ambicionavam ter um Convento em Lisboa, e andavam à procura de um local propício e de um terreno barato, entraram em tratos com Duarte Peixoto da Silva, genro do Henriques e compraram a propriedade patrocinados financeiramente pelo Cardeal-Rei que ainda veio a subsidiar a construção da clausura.

Vinte e cinco anos depois, como a casa tivesse ficado acanhada, e a quinta não fosse bastante espaçosa, compraram outra quinta confinante, mais em baixo, para o lado da Esperança, e um novo Mosteiro riscou-se e levantou-se, entregue à perícia do famoso arquitecto Baltasar Álvares. É hoje o edifício da nossa Assembleia Nacional.

Mudaram-se os frades para esta instalação, e o conventinho de cima foi abandonado. Poucos anos depois, indo lá um dia Frei Leão de S. Tomás, Geral da Ordem, e vendo, com tristeza, a portaria entaipada e casa vazia, resolveu utilizá-la

para Noviciado dos Bentos. Alfaiou de novo a Igreja, e mandou pintar no retábulo do altar-mor, a imagem da Virgem com uma estrela na mão, entre as imagens de S. Bento e de São Gregório, e os devotos passaram a chamar-lhe a «Senhora da Estrela». O Noviciado breve tomou este nome que se estendeu ao sítio, e, mais tarde, também por Estrela ficou a ser conhecido o Bairro criado, depois do terremoto, em volta da quinta de Luís Henriques cujo vestígio mais visível é o Jardim.

Como se vê, o verdadeiro Leão da Estrela, não foi o trazido de África pelo explorador Paiva de Andrade, mas aquele Frei Leão de São Tomás, vindo das matas cerradas de Tibães.

A Serra de Sintra em Lisboa

FOI demolido, e já desapareceu de todo, um prédio na Rua da Escola Politécnica, do lado Oriental, o penúltimo, antes de se chegar à esquina para a Rua Nova de São Mamede. O imóvel era banal, mas a empena do Sul que se erguia sobre um jardim alto de há muito ocupado por um andar de três janelas de frente, jardim que pertencia ao prédio que com ele pega, tinha uma curiosidade singular. A toda altura estava pintada, a fresco, a Serra de Sintra coroada pelo Castelo da Pena, fantasia decorativa imaginada pelo pro-

prietário do jardim, que era um senhor de apelido Guerra, conhecido fotógrafo lisboeta, talvez para prolongar em imaginação o recinto verdejante que lhe ficava contíguo.

Por morte do sr. Guerra, herdaram a casa e o jardim, dois filhos que Lisboa inteira conheceu por «manos Guerras», a «fazer avenida» numa vitória, e, mais tarde, a decorar a porta de uma Tabacaria em São Pedro de Alcântara, onde eram fregueses certos. Um dos «manos» resis-

tiu bastantes anos às investidas da Parca e, de certo, ainda muitos se lembram dele. Do grande painel da Serra de Sintra é que a recordação quase se perdeu; mas eu, bairrista de há quase três quartos de século, é que ainda o conservo na memória, nunca deixando de olhar essa raridade quando por lá passava nas minhas deambulações de rapaz pequeno. E como se trata de uma curiosidade alfacinha aqui fica no OLISIPO devidamente registada.

M. S.

ACÇÃO CULTURAL

Durante o ano de 1960

VISITAS DE ESTUDO

Janeiro

17 - Às instalações do jornal *O Século*, dirigida pelo nosso consócio e Chefe da Redacção daquele jornal Sr. Acúrcio Pereira.

30 - Ao *Palácio Nacional da Ajuda*, dirigida pelo seu conservador Sr. Dr. Manuel Cayola Zagalo.

Fevereiro

6 - Continuação da visita ao *Palácio Nacional da Ajuda*, sob a mesma direcção, dos últimos turnos dos sócios inscritos.

13, 14, 20 e 21 - Ao *Micro jardim*, realização e propriedade do nosso consócio Sr. Fernando de Figueiredo, que dirigiu a visita.

Março

20 e 27 - Ao *Museu de Arte Contemporânea*, dirigida pelo nosso consócio Sr. Prof. Armando de Lucena.

Abril

3 - Às instalações da *Sociedade de Instrução e Beneficência «A voz do Operário»*, dirigida pelos directores da Sociedade Srs. João Ribeiro de Almeida, Carlos Duarte, António Perianes Palma e Manuel Mendes Delgado.

24 - Ao edifício da *Assembleia Nacional, Palácio de S. Bento*, dirigida pelos funcionários superiores do Palácio Srs. Guilherme Alves de Almeida, Dr. Carmelo Rosa, Sanches Ferreira, Antunes dos Santos e Salema Mendes.

Maio

- 29 - Ao *Palácio Ducal de Vila Viçosa*, dirigida pelo seu conservador, Sr. Dr. João de Figueiredo.

Junho

- 5 - Às instalações da *Cadeia Penitenciária de Lisboa*, dirigida pelo seu director, Sr. Dr. Roberto Pinto.
- 19 - À *Propriedade Agrícola do Mouchão da Póvoa*, dirigida pelo seu proprietário e nosso consócio, Sr. D. Eduardo Veiga de Araújo.
- 23 - À *Exposição Bibliográfica Antoniana*, na sede da Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, por amável convite do expositor, o nosso consócio Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, que a dirigiu, e da Junta de Turismo.

Julho

- 17 - Ao *Museu Arqueológico de Odrinhas*, dirigida pelo Vice-Presidente da nossa Junta Directiva e Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Sr. Prof. Doutor Joaquim Fontes.
- 31 - Ao *Campo de batalha de Aljubarrota e Mosteiro da Batalha*, dirigidas respectivamente, pelos Srs. Capitão Gastão de Melo de Matos e o consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, participação do Grupo nas Comemorações Henriquinas e Condestabrianas.

Agosto

- 5 - Às *Escavações da Praça da Figueira*, local do antigo Hospital Real de Todos-os-Santos, a convite da Presidência da Ex.^{ma} Câmara Municipal, sob a direcção dos nossos consócios, Sr. Dr. Silva Pinto, D. Julieta Ferrão e Dr.^a D. Irisalva Moita, respetivamente Chefe de Repartição dos Serviços Culturais, Conservadora Chefe e Conservadora encarregada das escavações.

Novembro

- 6 e 15 - Ao *Museu Bibliográfico Rafael Bordalo Pinheiro*, dirigidas pela nossa consócia e Conservadora Chefe dos Museus Municipais, Sr.^a D. Julieta Ferrão.
- 20 - Às instalações da *Seca do Bacalhau*, da «Pescal», em Alcochete, dirigida pelo nosso consócio e funcionário superior da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, Sr. Dr. António Torres Botelho.

COLÓQUIOS OLISIPONENSES

Fevereiro

- 11 - Com a colaboração do nosso director Sr. Hugo Raposo, que dissertou sobre «Norberto de Araújo e o *Inventário de Lisboa*», e consócio Sr. Luís Bonifácio, que se ocupou das *Três Casas dos Bicos da Europa*.

Julho

- 7 - Em que participaram o nosso consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, que referiu as suas impressões colhidas na nossa recente

visita ao *Palácio Ducal de Vila Viçosa*, projectando, a propósito, alguns dos seus diapositivos a cores, e Secretário-Geral, Sr. Dr. Eduardo Neves, que apresentou recortes de jornais de 1870 a 1889, com notícias ilustradas da inauguração da Estação dos Caminhos de Ferro do Rossio, da «Memória dos Restauradores» e da Exposição Industrial da Avenida da Liberdade.

Dezembro

- 17 - Em que falaram os Srs. Secretário-Geral Dr. Eduardo Neves e consócio Alfredo Ferreira do Nascimento. O primeiro deu a notícia dum *Quadro do pintor francês Adrien Dauzats*, que se encontra no Museu de Dôle e que representa uma vista interior do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, e o segundo que se ocupou dos *Cantos e Recantos de Lisboa*, com projecções de diapositivos a cores.

CONFERÊNCIAS

Março

- 31 - *Nova Lisboa*, com exposição documental, pelo nosso consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento.

- 28 - *Vistas de Lisboa, em azulejos, no Brasil*, pelo nosso consócio Sr. Eng. João dos Santos Simões.

Maio

- 19 - *Conservas de água da Rua da Prata erradamente conhecidas por termas*, pelo presidente da nossa Junta Directiva, Sr. Gustavo de Matos Sequeira.

Agosto

- 8 - *Vida e obra de Silvío Romero*, pela escritora brasileira, Sr.^a D. Mariná de Moraes Sarmento.

Novembro

- 10 - *Como as escritoras brasileiras vêem Portugal*, pela nossa consócia, Sr.^a D. Maria Cabedo Cardoso.

PASSEIO NO TEJO

Junho

- 13 - À noite, a convite da Presidência da Ex.^{ma} Câmara Municipal, para acompanhar a Procissão de Santo António, de Belém ao Terreiro do Paço, em barco por nós fretado.

EXPOSIÇÕES

Dezembro

- 10 a 20 - *Lisboa vista por St'Aubyn*, exposição de aguarelas e desenhos de motivos lisboetas, pelo nosso consócio, Sr. Eduardo St'Aubyn.

FEIRA DO LIVRO

Junho-Julho

27 a 17 - Feira do Livro, a convite do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros de Portugal.

SESSÃO CINEMATOGRAFICA

Março

19 - À noite, passagem de filmes a cores, no *Salão Foz*, do S. N. I., sobre a Madeira e Açores, com palestra, a propósito, pelo nosso consócio Sr. Dr. Francisco Félix Machado.

PAPELARIA DA MODA

ANTONIO VIEIRA, LDA.

TODOS OS ARTIGOS DE
PAPELARIA E ESCRITÓRIO
MATERIAL ESCOLAR
ARTIGOS DE DESENHO

SEMPRE NOVIDADES

Parker

AS CANETAS, LAPISEIRAS,
ESFEROGRÁFICAS E TINTAS
MAIS DESEJADAS DO MUNDO



167, Rua do Ouro, 173 · LISBOA · Telef. 2 42 69/2 43 47

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS

72

VÁRIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00
A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

A. VIEIRA DA SILVA

G Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
G Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
-----------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
--------------------------	--------	--------

DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz	esgotado
Um arcebispo Primaz	>
João Alberto Pereira de Azevedo Neves	>
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho	>

DR. EDUARDO NEVES

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Ruínas do Carmo		esgotado
Igreja da Penha de França		»
Faculdade de Medicina		»
Lisboa nos Ex-Libris		»
Lisboa na Numismática e na Medalhística		»
O Convento dos Barbadinhos Italianos		»
Do Sítio do Intendente		»
Lisboetas na Índia e Luso Indianos em Lisboa		»
Alocuções		»
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Visite Lisboa	81\$00	90\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo	162\$00	180\$00
Lisboa das sete colinas	36\$00	40\$00
Lisboa capital do Tejo	36\$00	40\$00
Lisboa vista em 5 dias	13\$50	15\$00
Um turista em Lisboa	13\$50	15\$00
Lisboa e seus arredores	27\$00	30\$00
Lisboa e seus arredores (Planta)	4\$00	5\$00
Palácios Reais de Lisboa		esgotado

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII		esgotado
--	--	----------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

	PREÇOS	
	Sócios	Público
HUGO RAPOSO		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
JOÃO MONTEIRO		
Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870		esgotado
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
LUÍS MOITA		
A Ermida de Santo Amaro		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
A Baixa Pombalina		esgotado
A Rua das Canastras	7\$20	8\$00
Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé	9\$00	10\$00
Críticas, Correccões e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje» do Sr. Paulo Freire		esgotado
LUÍS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
LUÍS TRINDADE		
Janelas de Alfama	18\$00	20\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto		esgotado
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00

	PREÇOS	
	Sócios	Público
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	45\$00	50\$00
O Sítio de Santo Amaro	18\$00	20\$00
Duas facas de mato notáveis	13\$50	15\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra		esgotado

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

A Igreja da Conceição Velha	9\$00	10\$00
A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira de Lisboa	45\$00	50\$00
A Calçada da Ajuda	18\$00	20\$00
		esgotado

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

NUNO CATHARINO CARDOSO

Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
---	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
---	-------	--------

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge de Arroios		esgotado
--	--	----------

TINOP

Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols.	cada	13\$50	15\$00
---	------	--------	--------

POUSADAS DE PORTUGAL

PARA se reconhecer a verdadeira face de Portugal e as suas belezas reais, nada mais indicado do que um circuito pelas suas tão características Pousadas de Turismo.

Situadas nos pontos mais pitorescos do País, decoradas e mobiladas ao gosto local, com saborosa e variada comida regional — dentro da melhor tradição portuguesa — as Pousadas oferecem generosamente ao viajante, por preço excepcionalmente módico, o conforto e a intimidade de uma casa particular, onde ele tem sempre a certeza de encontrar o tradicional acolhimento português, que é a expressão do próprio País.

Ao falar-se do turismo português, não pode, em verdade, ignorar-se o que representa no seu desenvolvimento a criação desses típicos albergues de ambiente agradável e acolhedor.

Lugares de repouso, de tranquilidade, eles representam incontestavelmente uma das realizações mais interessantes da actividade do turismo nacional.

E o que é também notável e merece que se divulgue, é que o exemplo destes pequenos estabelecimentos, a sua lição de bom gosto, foi rapidamente compreendida e seguida pelos industriais de hotelaria. Resultou, assim, que muitos pequenos hotéis de província construídos ultimamente, foram já levantados ao jeito das Pousadas, copiando o seu estilo — tudo o que nelas é característico: claridade, limpeza e conforto.

Alcançou-se desta forma e com pleno êxito o objectivo em vista pelo Estado: estimular o desenvolvimento da indústria hoteleira, elevar o nível do bom gosto, tornando assim mais agradável, mais acolhedora a tradicional hospitalidade da terra lusitana.

Pousada do Barão de Forrester

ALIJÓ

Situação: Na estrada do Pinhão a Murça. A 45 kms. de Vila Real; a 3 kms. de Sabrosa; a 16 kms. do Pinhão e a 26 kms. de Murça.

Pousada de Santo António

SERÉM — MOURISCA DO VOUGA

Situação: Lugar de Serém, freguesia de Macinhata do Vouga (Águeda) junto à Estrada Nacional n.º 1 (Lisboa-Porto), 0,500 kms. ao norte da ponte sobre o rio Vouga.

Pousada de São Lourenço

SERRA DA ESTRELA — MANTEIGAS

Situação: Na Serra da Estrela a 3 kms. das Penhas Douradas; a 24 kms. ao sul de Gouveia e a 14 kms. ao norte de Manteigas.

Pousada do Castelo

ÓBIDOS

Situação: A 6 kms. de Caldas da Rainha e a 11 kms. do Bombarral.

Pousada de São João Baptista

BERLENGA

Situação: Na Ilha da Berlenga.

Pousada de São Martinho

ALFEIZERÃO

Situação: Ao Km. 229 na estrada de Lisboa ao Porto, em Alfeizerão — entre Caldas da Rainha e Alcobaga — junto à estrada, na rampa de Alfeizerão.

Pousada de Santa Luzia

ELVAS

Situação: Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da cidade, junto à Estrada Nacional de Lisboa a Badajoz.

Pousada de São Tiago

SANTIAGO DO CACÉM

Situação: Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém.

Pousada de São Brás

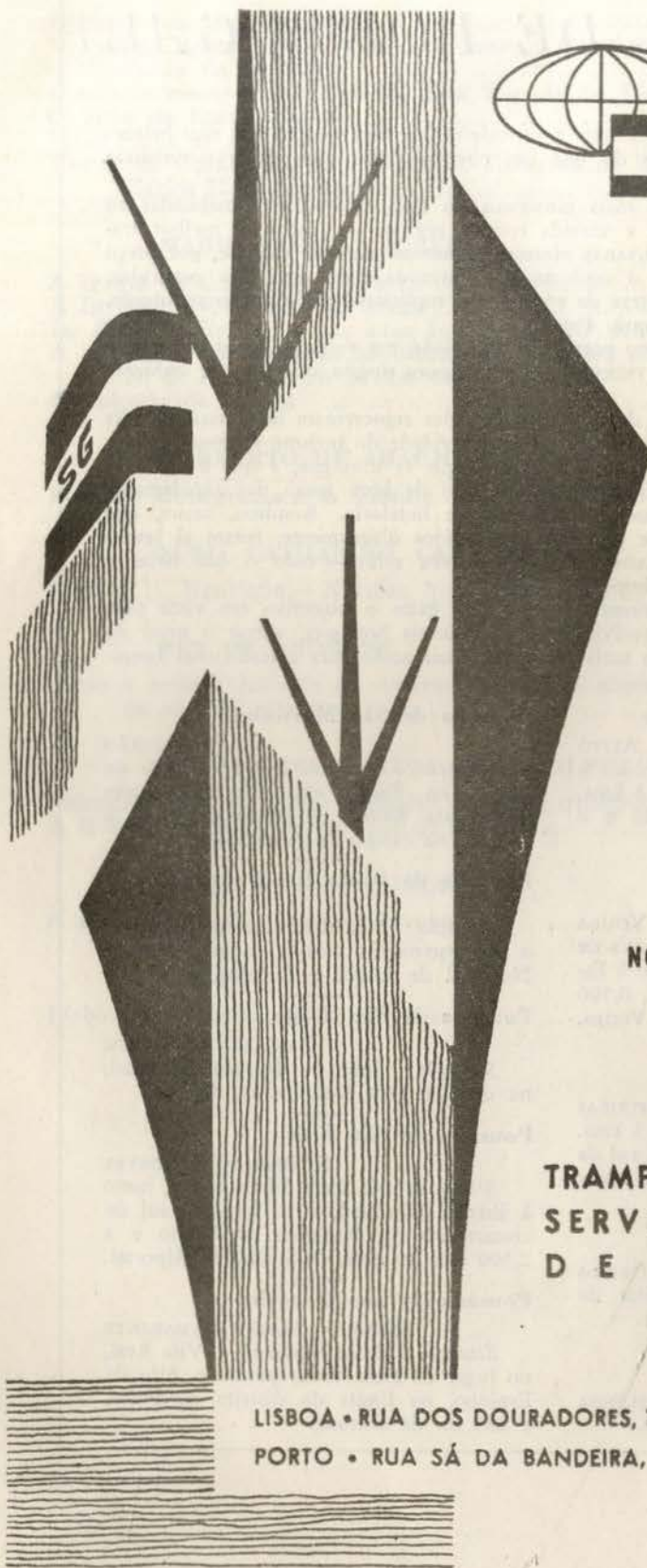
S. BRÁS DE ALPORTEL

Situação: Na Serra do Caldeirão, junto à Estrada Nacional, a 12 kms. ao sul do cruzamento do Barranco do Velho e a 2,500 kms. ao norte de S. Brás de Alportel.

Pousada de São Gonçalo

SERRA DO MARÃO — AMARANTE

Situação: Entre Amarante e Vila Real, no lugar da Bela Vista, perto do Alto do Espinho, no limite do distrito do Porto, a 885 m. de altitude.



SOCIEDADE GERAL

DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES

CARREIRAS REGULARES

DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ

MENSAIS

METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E ANGOLA

DE 21 EM 21 DIAS

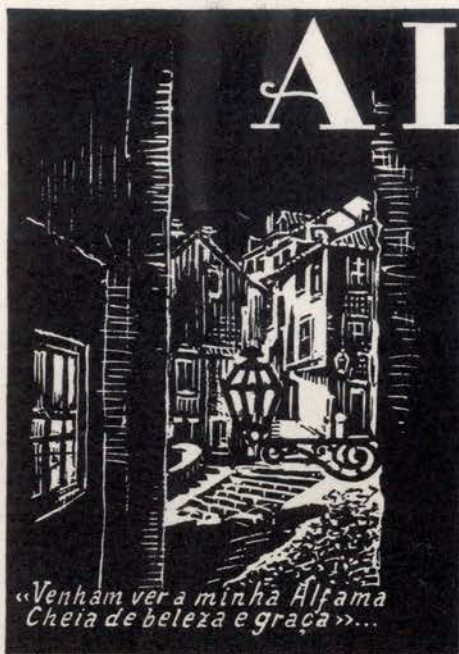
NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E ANGOLA

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

TRAMPING • CONSIGNAÇÕES
SERVIÇO DE REBOQUES
DE ALTO MAR

LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 26314 • 34513 • TELEG. GERAL
PORTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. SABÕES



*«Venham ver a minha Alfama
Cheia de beleza e graça»...*

ALFAMA

ALFAMA, essa relíquia que o terramoto respeitou é, como não podia deixar de ser, bairro de nobilíssimas tradições. Uma visita a este bairro, tomando na rua da Prata os eléctricos da Graça (Sé), ou Campo Pequeno-Caminho de Ferro (carreiras 10 e 3), ou, no Terreiro do Paço, os do Poço do Bispo, ou Belém-Xabregas (carreiras 3 e 16), constituirá, para os não iniciados, um passeio turístico de inesquecível encanto.

As ruas, escadinhas, becos, travessas e largos, ligam-se entre si, numa pitoresca sucessão de casario que constantemente nos recorda nomes e datas de glórias antigas.

Mas visitar Alfama é ainda, e acima de tudo, entrar no próprio coração de Lisboa, sentir palpitar e vibrar um povo que ainda vive para a contemplação do Mar Oceano, e sonha todas as noites com caravelas e naus. De manhã cedo, para as fábricas e para as fainas da vida ribeirinha, todo o bairro se despovoa, numa sinfonia de trabalho que é outro motivo de encanto.

E à noite, nos recantos típicos, e nos largos beijados pela luz do luar, há sempre quem nos recorde esta verdade que tão bem expressa ficou na letra duma das marchas populares que mais alvoroço despertaram na Capital:

*«Dizem que Alfama é um beijo
Que a terra furtou ao Mar»...*



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL